

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - EDUCAÇÃO

GUERREIRAS TUPINAMBÁS E JUSTIÇA CLIMÁTICA: RESISTÊNCIA ANCESTRAL POR UM MUNDO SUSTENTÁVEL, JUSTO E IGUALITÁRIO

Aislan Petrucio Silva De Araújo (aislanpetrucio@hotmail.com)

Daniel Ribeiro Gallupe Coelho (daniel_gallupe@yahoo.com)

Eldes Rangel Rocha Santos (eldesrangel@ufrj.br)

Elizabeth Costa De Oliveira (elizabeth.oliv@yahoo.com.br)

Ramofly Bicalho (ramofly@gmail.com)

“Guerreiras Tupinambás e Justiça Climática: Resistência Ancestral por um Mundo Sustentável, Justo e Igualitário” As guerreiras Tupinambás, enquanto símbolo de resistência e preservação da memória ancestral, emergem no presente como protagonistas fundamentais para o debate contemporâneo sobre justiça climática, por um mundo mais sustentável, justo e igualitário, em um contexto em que as desigualdades sociais, ambientais e culturais se entrelaçam na luta pela vida. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relevância dessas guerreiras tupinambás na contemporaneidade, compreendendo como suas práticas de resistência, que atravessam séculos de colonização e violência, podem inspirar formas de enfrentamento às crises ambientais e climáticas que afetam sobretudo os povos originários. A metodologia adotada baseia-se em uma análise bibliográfica, à memória oral transmitida por lideranças femininas tupinambá e a estudos recentes sobre justiça climática, buscando articular saberes acadêmicos e tradicionais em uma abordagem que valoriza o conhecimento indígena como ferramenta de

transformação social. A discussão mostra que, desde os séculos XVI, as guerreiras Tupinambás não apenas lutaram em defesa de seus territórios e de seu povo, mas também desempenharam papel simbólico na preservação do equilíbrio entre humanos e natureza, pois a cosmovisão das guerreiras tupinambá concebe ao ambiente não como recurso explorável, mas como parte constitutiva da própria vida. Essa perspectiva contrasta com a lógica extrativista e capitalista, que se consolidou a partir da colonização e que hoje encontra no neoliberalismo sua forma mais agressiva, aprofundando a destruição dos ecossistemas e ampliando os impactos da crise climática. Ao colocar a justiça climática como eixo de reflexão, evidencia-se que os custos ambientais da modernidade recaem de modo desproporcional sobre povos indígenas e comunidades marginalizadas, enquanto os lucros da exploração se concentram em atores hegemônicos, reproduzindo desigualdades históricas. Nesse sentido, a atuação política e simbólica das guerreiras Tupinambás ressoa como chamada à ação, convocando a sociedade a repensar suas práticas de consumo, de produção e de relação com a terra, resgatando valores de coletividade, reciprocidade e cuidado. A luta dessas mulheres torna-se também luta pedagógica, pois ensina que a educação ambiental e a memória histórica são inseparáveis, e que sem ouvir as vozes indígenas não há possibilidade de futuro sustentável. Ao revisitar a história das guerreiras Tupinambás, a pesquisa mostra que elas não pertencem apenas ao passado, mas são presenças vivas que ecoam na contemporaneidade, reforçando a urgência de se construir um mundo onde a igualdade social esteja ligada à justiça climática, e onde a preservação da natureza caminhe junto com o respeito aos direitos dos povos tupinambás. Conclui-se, assim, que reconhecer e valorizar o legado dessas guerreiras é condição essencial para a construção de alternativas ao modelo de desenvolvimento predatório vigente, e que seu exemplo nos orienta a pensar em uma nova ética socioambiental, capaz de sustentar a vida em todas as suas formas e de garantir um futuro de dignidade para as próximas gerações. Palavras-chave: Tupinambás; guerreiras tupinambás; justiça climática; sustentabilidade.

Referência 1: KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Referência 2: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). A presença indígena no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

Palavras-chave: tupinambás; guerreiras indígenas; justiça climática; sustentabilidade.

